

PRETEXTO PARA DEFENDER O PRIMEIRO GÉNERO LITERÁRIO

Ezekiel Mphahlele e o ensaio autobiográfico

A propósito da releitura do “Down the Second Avenue”, (Andando pela Segunda Avenida), ensaio autobiográfico de Ezekiel Mphahlele (1919–2008), confesso que continuo a sentir-me arrebatado pela necessidade de cultivar o primeiro género literário, o ensaio – o “centauro dos géneros”, no dizer do mexicano Alfonso Reyes

Luis Kandjimbo

Tenho uma paixão antiga por esse género de discurso que vem dos tempos da adolescência. É como a paixão por certos objectos, lugares, valores e contemplos, isto é, os livros, as bibliotecas, a beleza, os bares ou cafés. Está-lhe especialmente associado o fascínio pelos eternos encantos das mulheres. Não se trata de uma trivialidade. É que a admiração a tributar à mulher deve ser sempre singular. Depende muito da atitude do sujeito e da qualidade do fascínio suscitado perante uma virtude metafísica como a beleza. Reconheço assim que a poesia da beleza feminina traz à meditação o elemento analógico, remetendo imediatamente para uma representação da ética do cuidado, quando se escreve um texto ensaístico. A personagem da Tia Dora (Aunt Dora) criada por Ezekiel Mphahlele, é um exemplo.

Na verdade, em África o ensaio é o primeiro género literário, se tivermos em atenção a predominância da “razão oral”, tal como lhe chamou o senegalês Mamoussé Diagne. O carácter fragmentário do provérbio e de outras formas breves de expressão oral trazem o lugar que o ensaio ocupa na hierarquia dos géneros da literatura oral em África. O

exercício da memória exige a brevidade discursiva do pensamento e o recurso a frases que valorizem imagens aforísticas. Por isso, a dimensão narrativa e lírica do discurso carrega sempre uma marca argumentativa e interpretativa.

Estava então a ler o ensaio autobiográfico de Ezekiel (Es’kia) Mphahlele, sul-africano, o primeiro decano dos críticos literários africanos. Lembrei-me de outros dois vultos oriundos de países africanos de língua inglesa, Eldred Durosimi Jones (1925–2020) e Francis Abiola Irele (1936–2017), ambos também já falecidos.

Portanto, são três ensaístas com lugar cativo na história do pensamento, da filosofia e das literaturas do continente africano. Não conheci o velho Es’kia. Do segundo, falecido no passado mês de Março em Freetown, tenho memória. Ele já era cego quando, em 1989, o vi pessoalmente falar na cidade de Dakar, proferindo a conferência de abertura do congresso da Associação de Literaturas Africanas, a mais importante organização norte-americana de académicos, investigadores e críticos literários que se dedicam ao estudo das literaturas africanas. Numa comitiva da União dos Escritores Angolanos, em companhia de Manuel Rui e E. Bonavena, participei nesse evento científico com o qual

se comemorava o vigésimo quinto aniversário dos dois primeiros colóquios sobre o ensino e crítica das literaturas africanas, realizados em Fourah Bay e Dakar, em 1963. Foi em Dakar que voltei a encontrar-me com o professor nigeriano Abiola Irele que eu tinha conhecido pessoalmente, em 1986, na cidade de Paris, no colóquio da Associação para o Estudo das Literaturas Africanas. Com ele conversei no autocarro, durante o regresso para o Novotel, onde nos encontrávamos todos hospedados. Nesse ano, conheci outros intelectuais africanos de peso. Um deles era o beninense Olabiyi Yai, linguista e filósofo que, nos anos 70 do século XX, com Niamey Koffi, animou o grande debate que os opunha a Paulin Hountondji, outro filósofo beninense. Já não me lembrava do livro a utografado para Olabiyi Yai. Foi ele que me deu conta disso, logo após a confirmação de que o meu primeiro livro de ensaio se encontrava na sua biblioteca, em Cotonou.

Em 2009, Abiola Irele foi convidado a vir a Angola, por ocasião da celebração do Dia de África, numa iniciativa do Ministério da Cultura. Com ele vieram Nkiru Nzegwu, nigeriana, filósofa e crítica de arte africana, e Simon Gikandi, queniano, ensaísta e crítico literário, dois nomes de uma

outra geração de professores e pensadores africanos. Fui um dos seus anfitriões, tendo tido a responsabilidade de receber a Nkiru Nzegwu em Benguela, minha cidade natal, onde já me encontrava a cumprir uma obrigação familiar. Acompanhava-o Adriano Mixinge que moderaria o debate no primeiro dia útil da semana seguinte.

Para conhecer os costumes da terra, levei a Nkiru Nzegwu, – e o Adriano Mixinge, é claro, – ao jantar que se seguiu ao casamento do sobrinho. Conversamos, mergulhámos no ambiente de festa, comemos, ouvimos música, contámos histórias, rimos, dançámos. Ela que vinha de Nova York, sentiu-se como se estivesse em casa, em Enugu ou em Lagos. É tudo a mesma coisa, dizia ela.

Se tivesse que falar com o velho professor Ezekiel Mphahlele, que não vi em Dakar, a respeito da leitura do seu ensaio autobiográfico, as minhas palavras teriam o mesmo sentido das que a Nkiru Nzegwu tinha enunciado. A África é a nossa casa partilhada. Nela acontecem várias coisas comuns. É disso que durante décadas os velhos filósofos, John Mbiti (1931–2019) do Quênia e Kwame Gyekye (1939–2019) do Ghana, defenderam até à morte. Isto é, a idiosincrasia africana e a sua diversidade, ou seja, a ontologia africana.

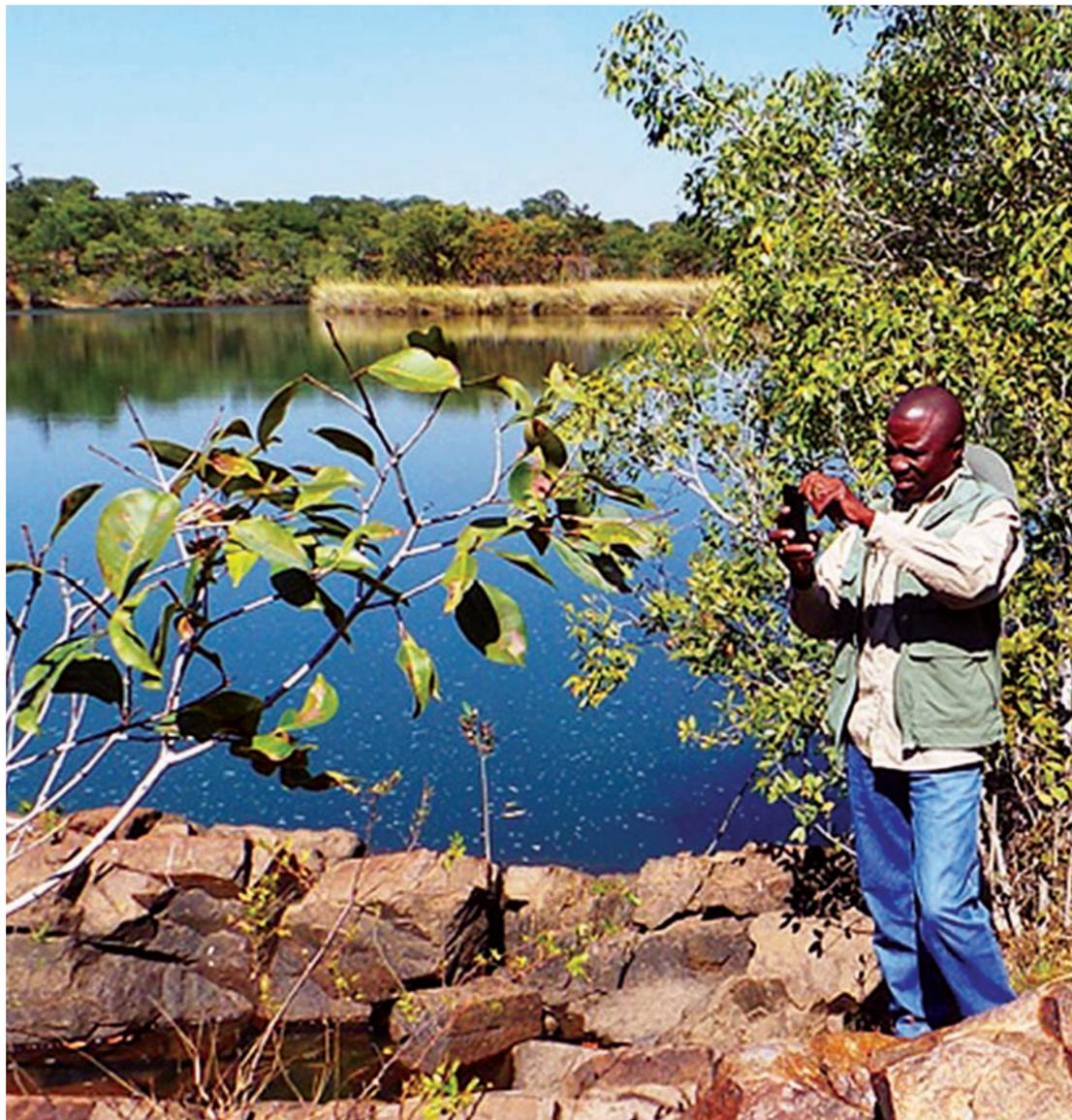
“Andando pela Segunda Avenida”

Em “Down the Second Avenue” cuja primeira edição data de 1959, Ezekiel Mphahlele relata, sequencial e cronologicamente, vários factos vividos na infância, passada nos bairros de Marabastad e Maupaneng, em Pretória, numa comunidade familiar em que se falava a língua Sotho, durante as décadas de 30 e 40 do século XX, período de institucionalização do regime do apartheid. São factos semelhantes há muito vividos em Angola, no período colonial. Por exemplo, o policiamento dos bairros periféricos das grandes cidades para o desmantelamento da indústria de bebidas tradicionais fermentadas à base de malte de milho. Ou ainda as querelas de vizinhas que trocam acusações resultantes de aparecimentos misteriosos de animais veneráveis como o cágado, em espaços domésticos ou quintais.

Apesar de ter sido traduzido em onze línguas, não se conhece qualquer tradução em língua portuguesa. A progressão da leitura deste ensaio autobiográfico desvenda igualmente um observador arguto vivendo na cidade de Johannesburgo, em plena fase da sua maturidade, após a obtenção da licenciatura, em 1949. Identificam-se virtudes e qualidades do escritor que é capaz de reter na memória o mais pequeno gesto, compreendendo-se a partir dele as mais profundas motivações do comportamento humano a que dá sentido. Por outro lado, os relatos sobre o engajamento político, a adesão ao “African National Congress” (ANC), em 1955 e a integração na equipa editorial da revista “Drum” permitem traçar o perfil do escritor e intelectual sul-africano na sua época. A sua visão ecuménica levava-o a defender a unidade na luta contra o racismo do apartheid. Por isso, fazia apelos à união do ANC e do “All-African Convention” (AAC).

Com o discurso autobiográfico de Ezekiel Mphahlelesomos conduzidos pelos labirintos da luta em prol da dignidade humana. A dedicação ao estudo é prova disso. Logo no ano que se seguiu à sua adesão ao ANC, após a perda do emprego como professor e dividido entre o jornalismo e a literatura, a personagem que discorre sobre a sua própria vida abraça um novo desafio: concluir um outro ciclo da formação universitária, o Mestrado em Literatura. A dissertação tratava de um tema bastante expressivo: “A personagem não-europeia na ficção sul-africana em língua inglesa”. O que obrigava a aprofundar o seu conhecimento da literatura escrita por autores da minoria “branca” numa perspectiva comparada com outros autores europeus e norte-americanos.

A celebração da conclusão do Mestrado em 1957, na sua casa situada no subúrbio de Orlando, foi um momento de partilha com amigos de todas as origens, entre os quais jornalistas da revista “Drum”, destacando-se Bloke Modisane que também escreveria um ensaio autobiográfico. Tomaria em seguida a decisão de abandonar a África do Sul. Para tal candidatar-se a uma vaga de professor de língua inglesa na Nigéria. A muito custo, obtém o passaporte e fixa-se na cidade de Lagos, onde concluiu o seu ensaio “Down the Second Avenue”, e, depois, Ibadan. A vida itinerante de exilado leva-o à França, Quênia, Zâmbia e Estados Unidos da América. Nos Estados Unidos da América, em pleno apogeu da carreira, em 1968, obtém o doutoramento em escrita criativa com o romance “The Wanderers” (Andarilhos). Em 1976, regressa definitivamente à África do Sul, tendo publicado, em 1984, “Afrika My Music”, o seu segundo ensaio autobiográfico. A actividade docente foi a exclusiva ocupação, até à sua morte aos 88 anos de idade.



CIDADE DE MENONGUE

Zonas de lazer precisam de atenção

A província do Cuando Cubango possui inúmeras zonas paradisíacas que, por via do turismo, poderiam engordar os cofres do Estado, mas, à falta de investimentos, grande parte destas áreas apresenta uma degradação acentuada. Esta degradação também é fruto das más práticas do homem na utilização dos recursos naturais

Lourenço Bule | Menongue

A província é banhada pelos rios Cubango, Cuito, Cuanavale, Kwebe, Kwelei, Cuchi, Cuhiriri, Cuando e Longa, só para citar alguns. Os rios são o pulmão da maior parte das áreas de lazer e propiciam uma fauna e uma flora de tirar o fôlego.

Enquanto se aguarda pelos investimentos do governo, os munícipes vão fazendo a sua parte. Muitos, de acordo com as suas possibilidades, procuram montar um pequeno negócio nas zonas de lazer, para atender aos frequentadores e, assim, lucrar alguns kwanzas.

Actualmente, apesar da Situação de Calamidade e do frio, adultos, adolescentes e crianças parecem não se importar e continuam a frequentar, regularmente, os lugares turísticos situados ao longo dos rios Kwebe, Kwelei, Luahuca, Luassingua e Cambumbe, os mais próximos da cidade de Menongue.

A maioria das senhoras que exploravam as barracas de comes e bebes desistiram, porque esgotaram as poupanças durante o Estado

de Emergência que vigorou de 27 de Março até 25 de Maio. Agora os mesmos espaços foram invadidos por pequenos vendedores de micates, bolinhos, whisky em pacote, refrigerantes, cerveja e ginguba. Por essa razão os mais avisados, quando se deslocam para estes locais, levam consigo o farnel para evitar constrangimentos. Ilha dos Amores, barragem de Cambumbe, Liapeca, Missombo e a ponte sobre o Kwelei são os locais mais frequentados pelos banhistas.

Antes da pandemia da Covid-19, essas zonas de lazer fervilhavam com dezenas de turistas provenientes de várias regiões do país, um movimento que aos poucos foi baixando por falta de investimentos, sobretudo a ausência de restaurantes, hospedarias, sinal de telefonia móvel, energia e estradas em condições.

Outrora, à chegada aos locais de lazer, os visitantes encontravam de tudo um pouco: churrasco de galinha viva ou frango, feijão de óleo de palma, grelhados de cacusso e sardinha acompanhados com funji (de

massango, bombó ou milho) ou ainda batata-doce e banana-pão e farinha musseque, além de uma diversidade de bebidas alcoólicas ou refrigerantes.

Alguns destes lugares são caracterizados por uma vegetação densa e outros por uma mistura de relva, pedras e árvores, que os torna mais apetecíveis, além da água dos rios que se perdem no além. Os corações apaixonados perdem-se na floresta, enquanto outros ficam à beira-rio a contar histórias, quando não vão mesmo dar um mergulho.

As pessoas mais reservadas preferem os lugares distantes, como são os casos de Luassingua e Caiundo (Menongue), as quedas de Canquina ou as montanhas de Maculungungo (Cuchi), que, em abono da verdade, são verdadeiras "obras de arte" da natureza, mas que precisam de investimentos.

Pesca fluvial

O movimento começa às seis horas da manhã. Os meninos que lavam as viaturas dos turistas, sobretudo na Ilha dos Amores e na barragem de Cambumbe,

a menos de quatro quilómetros da cidade de Menongue, são os primeiros a chegar. Munidos de baldes e panos, disputam entre si o primeiro veículo a chegar no local, sendo necessário, às vezes, a intervenção do proprietário da viatura, que selecciona quem vai lavar o meio.

Existem também zonas fluviais identificadas como sendo de risco, por terem fortes correntezas e inúmeras rochas. Aí, quando chove, o caudal aumenta, causando afogamentos e ataques de jacarés.

Quando o caudal está baixo, dezenas de pessoas, de várias idades, com canas artesanais de pesca e mosquiteiros, pescam cacusso e bagre, que vendem aos turistas, havendo, entretanto, quem prefira comercializar o peixe nas ruas da cidade de Menongue.

João Cambinda, 35 anos, pescador há mais de cinco anos, contou à reportagem do *Jornal de Angola* que, na companhia de amigos, com canas artesanais de pesca e mosquiteiros, pesca, diariamente, nos rios Kwebe e Luahuca, 15 a 20 quilos de peixe, que podem

render entre 10 mil e 15 mil kwanzas. Cambinda disse acreditar que caso se organizassem em cooperativas e recebessem o apoio do governo muitas famílias sairiam da extrema pobreza em que vivem. Disse ainda ser necessário que o governo potencialize os pescadores artesanais com

coletes, redes, baldes e bóias, entre outros materiais. Salientou que os rios que serpenteiam a cidade de Menongue são bastante ricos em peixe e, com o devido apoio, seria possível aumentar a captura do pescado com a garantia de chegar em perfeitas condições ao consumidor final.



Lavagem de carros à beira do rio

O **Jornal de Angola** deslocou-se às margens do rio Luauca, ao encontro do lavador de carros João Simão Lingone, 20 anos, estudante da 9ª classe no Complexo Escolar da Missão Católica. Ele revelou que lava diariamente dois a três carros. “Comecei a trabalhar na placa (local de lavagem de carros) para suportar os estudos, depois de perder o meu pai, quando ainda frequentava a 6ª classe. O dinheiro que ganho diariamente serve ainda para sustentar a minha mãe, os meus dois irmãos e para comprar roupas e calçados”, disse.

O chefe da placa da Missão Católica, Elias Daniel, “Ti Dany” para os seus amigos, expressou que o trabalho no local começa todos os dias às seis horas e termina às 18. Mais de 30 jovens e adolescentes prestam serviço de lavagem de viaturas ligeiras e pesadas. Salientou que cobram 300 kwanzas para lavagem de motorizadas, mil para turismo, 1.500 para os hiaces, 2.000 para os autocarros e entre 3.000 e 4.000 para os camiões. “Para conseguir ‘bom cumbi’ (mais dinheiro)

tem que se partilhar o maior número de carros possíveis, principalmente os de grande dimensão”, explicou.

Acrescentou que dois lavadores podem ocupar dois ou quatro carros simultaneamente. Com um pacote de whisky “The Best” na mão, “Ti Dany” disse que na placa cada lavador de carro tem o seu “boss” (cliente). “E, quando este chega, ninguém pode encostar, a não ser o jovem que presta serviço na referida viatura. Todo mundo deve respeitar este paradigma, para que não haja conflitos. Caso alguém quiser se apoderar do boss alheio, é expulso”, afirmou.

Revelou que a placa é muito concorrida pelos hiaces, principalmente na época chuvosa, mas actualmente, com a situação de pandemia e a época de frio, o movimento tem sido bastante reduzido.

O funcionário público Aurélio Ndala Cativa disse que o trabalho dos lavadores na placa do rio Luauca é bastante proveitoso, visto que chegam a lavar as viaturas melhor que nas estações de serviço. “Como sabem que é o seu ganha-pão, os rapazes

dedicam-se a fundo, para, quando necessário, voltar a ser requisitados os seus serviços”.

Aurélio Cativa frequenta o recinto de lavagem há mais de quatro anos e nunca ouviu relatos de roubos no interior das viaturas, tudo porque “estes meninos levam a peito o trabalho que exercem diariamente, para satisfação dos seus clientes”.

Apelou ao governo do Cuando Cubango no sentido de ajudar os jovens lavadores de viaturas com meios de trabalho e a criação de condições condignas para o exercício das suas actividades.

Sem medo da Covid-19

Ana Capanguila, carinhosamente tratada por “Mãe Ana”, comercializa refeições a 100 e 200 kwanzas para os jovens lavadores da placa da Missão Católica. Grávida de sete meses, “Mãe Ana” não mede esforços. Acompanhada da filha de 13 anos, transporta as refeições, que confecciona em casa, em dois baldes de 20 quilos.

Ângela Mbacka, 16 anos, vende bebidas alcoólicas, refrigerantes e petiscos numa



LOURENÇO BULE | EDIÇÕES NOVEMBRO | MENONGUE

barraca improvisada. Ela está na placa todos os dias, das 8 às 18 horas. “O negócio rende mais nos finais de semana, podendo até vender mais de quatro grades de cerveja ou gasosa. Nos dias normais, vendo apenas quatro a cinco bebidas”, disse.

Na placa da Missão Católica, na Ilha dos Amores, na barragem de Cambumbe, e noutros lugares de lazer em Menongue, as pessoas procuram afogar as mágoas provocadas pelo surgimento da pandemia do novo corona vírus. Apesar da volatilidade,

em termos de contágio, as pessoas parecem não se importar muito com as medidas de segurança, a julgar pela forma como se posicionam nos referidos locais, não obedecendo às normas do distanciamento e nem usando máscaras faciais.

PROPRIETÁRIOS DE ESTAÇÕES DE SERVIÇO E OFICINAS-AUTO EM LUANDA

Antigos lavadores de rua agora são patrões

Antigos lavadores de carros nas ruas de Luanda são, actualmente, proprietários de estações de serviço. Alguns evoluíram mesmo para a prestação de serviços de mecânica, pintura, chaparia e venda de acessórios de viaturas

Paulo Mulaza

Jesus Manuel Viegas, mais conhecido por “Moda”, 34 anos, e Osvaldo Faria, 30 anos, actualmente sócios, começaram a lavar carros em 2014 na Chicala e na Mutamba. Ao longo do tempo, juntaram dinheiro e adquiriram máquinas de lavagem de viaturas, a saber, compressor de ar, pistola de parafinar e máquina de aspiração... Hoje têm a sua própria estação de serviço. A água para a lavagem é comprada nos camiões cisternas.

A ideia da criação da estação de serviço surgiu em 2016, no sentido de aproveitarem um espaço deixado vago pela demolição de residências no bairro da Chicala. A razão das demolições era a construção de um moderno projecto habitacional, que, entretanto, não foi concretizada. “Aproveitamos então o espaço para lavar algumas viaturas. Até que adquirimos o material adequado” para a estação de serviço.

De acordo com Jesus Manuel Viegas, “muitos clientes têm aparecido com as suas viaturas, em função dos preços que são acessíveis”.

Alex Gaspar, cliente, disse ao **Jornal de Angola** que gosta do trabalho da estação de serviço. “É de louvar a iniciativa destes jovens empreendedores, que precisam ser apoiados pelo Governo”, frisou.

Jesus Manuel Viegas deu a co-

nhecer que, brevemente, ele e o sócio vão abrir uma oficina-auto, que abarcará os serviços de mecânica, bate-chapa e pintura. O jovem empresário não quis revelar o valor dos lucros que arrecada anualmente.

Oficina-auto “Alegroupz”

Sérgio Alexandre, 34 anos, é o dono e administrador da oficina-auto e estação de serviço “Alegroupz”. Ele não chegou a ser lavador de carros na rua. O seu empreendimento começou por ser unicamente estação de serviço, há seis anos, e alguns dos seus primeiros funcionários lavavam carros na rua. “Comecei com a prestação de serviços de lavagem de viaturas. Em função do desafio que se impunha, iniciei, dois anos depois, a actividade de assistência técnica aos automóveis, porque foram aparecendo clientes que traziam os materiais para a revisão das suas viaturas”, disse.

Segundo contou, Sérgio Alexandre recrutou os técnicos, uns com experiência trazida de outras oficinas e outros novatos, aos quais propiciou formação e só então abriu a oficina. Assim, o estabelecimento, além da lavagem, passou a fazer as revisões periódicas dos cinco mil quilómetros.

“Fomos crescendo cada vez mais e, depois, incluímos os serviços de mecânica, chaparia, pintura e venda de acessórios. De acordo com a procura, fomos chamando

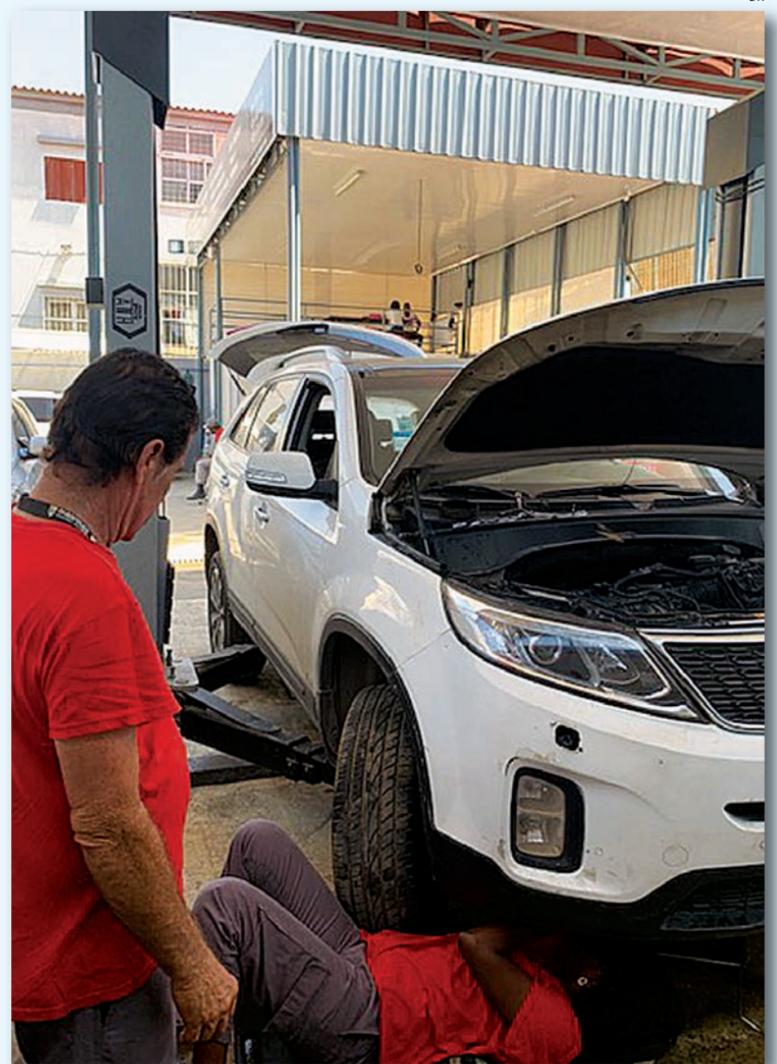
a atenção de pessoas ligadas a várias instituições credíveis, que mostraram interesse nos nossos serviços”, informou.

O jovem deu a conhecer que, hoje, a sua oficina presta serviços de assistência técnica ao Ministério das Relações Exteriores, ao Governo Provincial do Zaire e a várias seguradoras reputadas no mercado. Mas não quis dizer quanto ganha anualmente.

No dizer de Sérgio Alexandre, isso obriga-o a capacitar mais os técnicos, incluindo nas novas tecnologia de informação, “porque as viaturas trazem sistemas informatizados”.

“Adquirimos um aparelho informático para diagnosticar o estado técnico das viaturas. E temos dois elevadores que dão acesso à parte da cave. A cave é o espaço adequado para a pintura de viaturas em estufa”, frisou, revelando que a oficina emprega, actualmente, 37 pessoas. Disse que era sua intenção ampliar as instalações e empregar mais jovens. Mas a pandemia da Covid-19 criou-lhe entraves. Optou pela redução do pessoal em 50 por cento.

“Estamos a seguir todas as orientações de biossegurança dadas pelas autoridades sanitárias, como o uso de máscaras. Temos, também, a obrigação do uso de álcool-gel. Temos, na recepção, uma torneira para a lavagem das mãos, para os trabalhadores e clientes”, garantiu Sérgio Alexandre.



DR

MITO GASPAR E GABRIEL TCHIEMA

Quando a tradição é moderna

Foi ao ritmo do madurme, diembe, dibuanga, txianda emakopo, sonoridades que animavam os momentos do sungular nos antigos reinos do Ndongo e da Matamba e no Império Lunda-Tchokwe, que a dupla Mito Gaspar e Gabriel Tchiema levantaram o ânimo de muitos angolanos confinados em casa. O concerto da dupla de circunstância esteve inserido em mais uma edição do Live no Kubico, uma parceria entre a TPA e a Platinaline

Analtino Santos

Apesar de não constituírem, formalmente, uma dupla, ambos os músicos partilham muita coisa, pelo que a sua presença conjunta em palco não surpreendeu ninguém: os dois são antigos militares das ex-FAPLA, foram vencedores de concursos de trova, ganharam o Prémio Nacional de Cultura e Artes, são antigos directores da Cultura nas respectivas províncias natais (Malanje e Lunda-Sul) e, curiosamente, deram-se a conhecer como artistas fora delas: Mito Gaspar na Huíla e Gabriel Tchiema em Cabinda.

A presença dos dois num mesmo palco mostrou a rica diversidade rítmica de Angola, provando que outros géneros musicais, além do semba, podem servir de bandeira para o país. Outro aspecto que caracteriza a carreira dos músicos é o facto de terem como marca a pesquisa e modernização da tradição, facilmente visível no eclectismo e hibridismo das respectivas criações artísticas. Depois do furacão “3G do Semba”, que na semana anterior pôs em palco Bonga, Paulo Flores e Yuri da Cunha, e não beneficiando, nem de

longe, do marketing do live que juntou o trio, o concerto de Mito Gaspar e Gabriel Tchiema também prendeu os angolanos e até mexeu com o “inquilino” do Palácio Presidencial. João Lourenço foi ao Twitter e felicitou os organizadores dos lives e os músicos intervenientes.

Muitas foram as residências e outros espaços de (re)união onde a plateia não ficou presa apenas aos imóveis. O Jornal de Angola teve conhecimento que na Lunda-Sul, Lunda-Norte, Malanje, Huíla, Luanda e noutras províncias muitos telespectadores tiraram a mulala e fizeram o adorno para rebolar ao som da txianda. Dias antes do concerto, a cantora Ary, em declarações ao programa da TPA Janela Aberta, já alertara que o espectáculo seria uma aula que ela própria não iria perder. “Estes são dois grandes senhores da nossa música. Pena que muitos não lhes dão a merecida atenção. Quando venci, pela primeira vez, o Top dos Mais Queridos, em Malanje, o Mito foi o homenageado e vi o quanto ele é grande. O Gabriel Tchiema tem aquele cantar em que o cokwe até parece inglês, gosto daquele jeito dele dançar meio fino”, declarou então a diva Ary.

PLATINALINE



PLATINALINE

Mergulho na ancestralidade

Não polemizando mas sendo realista, os dois são artistas deste (nosso) tempo, que têm o mérito de transportar para a modernidade o que absorveram da tradição. Mito Gaspar consegue transportar para as suas músicas os ensinamentos das noites de batuque e sungular e Gabriel Tchiema o que captou em rituais como a mukanda, ambos com muita classe, o que facilitou e tornou ainda mais agradável a tarde do encontro que teve muito do sungular do Ndongo e da mukanda da Lunda.

Gabriel Tchiema fez-se acompanhar pelo seu inseparável companheiro Roberto “Bebucho”, nos tambores. Bebucho, além de tocar a

txianda e o makopo como nas celebrações das mais recônditas aldeias do Leste, traz ao palco a dança animada da terra e, com isso, faz um show à parte. Bevin, na bateria, completou a cozinha percussiva, enquanto as harmonias saíam dos teclados de Kevin. O solos e os ritmos foram executados pelo dedilhar guitarrístico de Melo e a marcação dos sucessos de Tchiema foi da responsabilidade de Diego, o baixista. Todos foram absolutamente determinantes no acompanhamento dos temas.

Já Mito Gaspar, que saiu do seu exílio voluntário da Kangandala, optou pelo reforço de alguns colegas e amigos da Banda Maravilha, bem como do “Bakongo da Nguimbi” Teddy Nsingui - que de-

dilhou solos que viriam a ser muito bem comentados nas redes sociais - Mias Glahetas no baixo, assim como Chico Madne e Mimi nos teclados, todos bastante conhecedores da música de Mito Gaspar. E, como o momento era mesmo de cumplicidade e partilha, Bevin, Bebucho e a corista Sandra Samanta reforçaram as hostes do ilustre descendente dos Ngola. Djaniira Mercedes, a filha de Mito, também esteve em palco. Ela, no final, afirmou: “Foi uma experiência agradável, como sempre. Não é a primeira vez que isso acontece, mas olha que cada show é especial e fica sempre o aprendizado diferente do anterior, sem falar da emoção”.

Gabriel Tchiema e Mito Gaspar raramente deixaram

de lado o violão, de tal modo que este instrumento quase parecia o prolongamento dos seus corpos. Aliás, não é demais repetir, ambos são filhos da escola da trova, género que os notabilizou no início da carreira.

Gabriel Tchiema foi o primeiro a apresentar-se com “Makume” e depois, em momentos intercalados, com “Mulekeleke”, “Ndako Pi”, “Chique-Chique”, “Mbimba”, “Makoke”, “Itela” e “Azulula”. Já Mito Gaspar entrou com “Man Polé” e também em vários momentos desfilou canções como “Kassexi”, “Eme”, “Kikuka Kia Mona”, “Palanhe Ngo”, “Mana Minga” e fez duetos com a filha Djaniira Mercedes em “Mahezu” e com Marília em “Kikuka Kia Mona”.



Perceba o que eles cantaram

PLATINALINE



Há um pensamento presente em momentos de animação na Mukanda, que é o seguinte: “Lunga kamuzangila kwassa mbola chuta golo” (“Gostasse de um homem que joga a bola e marca golo”). Essa afirmação pode ser adaptada ao contexto da música e passa a ser: “Gosta-se de uma música quando ela atinge-nos, ou seja, é sucesso para nós, eles marcam golos”.

A dupla destaca-se também pela preservação das línguas nacionais. São poucos os temas seus cantados em português, o que não retira a popularidade e o alcance das obras de ambos longe dos espaços rurais. Pelo contrário, eles são dos músicos mais apreciados e consumidos nos meios urbanos, beneficiando, talvez, da emergência de um certo revivalismo de raiz tradicional. Este é um campo aberto a pesquisas de sociologia e de antropologia musical.

Em “Amor Divino” Gabriel Tchiema, um romântico assumido, faz-se entender sem problema e vai na mesma linha em “Azulula”, um perfeito hino ao amor, em que pede à amada que lhe abra o seu coração. Mito Gaspar, num dos raros momentos em que canta na língua de Camões, em “O que será”, transmite uma mensagem de amor à pátria, inspirada no pós-conflito armado.

Os dois aceitaram o desafio de explicar alguns dos temas que interpretaram. Gabriel Tchiema optou por fazer a tradução de alguns dos seus versos, alertando, contudo, que isso nem sempre é fácil. Eis o que colhemos desse exercício: Mulekeleke – “O olhar iluminava o chão/Quando ouvi do outro lado belas canções /Fui com os meus amigos e dançamos o Makopa até a alvorada /Quando voltei à casa a minha esposa estava triste/Quando passou a noite homem/Não ouvi o movimento do teu passo que é forte/ Aye ye iye... O que era casamento hoje virou problema /Mulher... como explicar/Mulekeleke”.

Mbima – É feita a introdução com uma canção da mukanda que é independente do conteúdo principal, que diz: “Minha irmã deixa-me cantar/ Pois o marido tem respeito porque na morte da nossa mãe foi ao adivinho e descobriu o feiticeiro/ Mas o amante não tem respeito, pois na morte da nossa mãe fugiu e ficou bem distante/A mulher merece ser mimada enxugar as suas lágrimas e confortá-la no colo/ Não a desprezes nem a olhes com desdém, porque isto de cantar é antigo /Por isso limpe as lágrimas e dê mimos”.

Itela – “O meu coração inquieto-se quando não te vejo minha Itela/ Quando foste a lavra, deram-me de comer não comi/ Os meus amigos convidaram-me para ver Angola jogar não liguei/ Até mesmo o hidromel que tanto gosto não bebi /Os meus olhos preguei no caminho para ver-te chegar/ Eo meu coração acalmar”.

Makumi – “O meu amor por ti é verdadeiro/ Sinto tristeza no meu peito se até chegar a noite não te ver/ Sei que falam da minha pobreza/ Mas, mesmo assim quero-te infinitamente/ Minha gente, do laço de outrem não se tira a raposa/ Falam sobre mim e fazem coisas como se fosse vosso inimigo/ Que vergonhoso/ Quando não te vejo quando não te bebo/ Quando não ouço a tua voz/ Quando não vejo o teu corpo/ Fico febril e tenho tremores”.

Makoke – “Ser família era como sal antigamente/ O teu sofrimento também era meu/ A minha alegria também era tua/ Os irmãos e os tios eram os nossos pilares /Mas hoje passaram os anos/ E a desavença enteou a sanzala/ O teu sorriso esconde maldade/ A tua arbitragem tem sempre um lado / Na tua boca tem mentiras/ Mentiras de morte”.

Já o antigo jornalista da Rádio Huíla, Mito Gaspar, optou por sintetizar alguns temas. Começou por explicar que “Eme” é uma tradução não literal do poema “Re-

núncia Impossível”, de Agostinho Neto, e Hadia Vutuka uma adaptação do famosíssimo poema “Havemos de Voltar”, também de Agostinho Neto. Já “Kikuka Kya Mona” é uma homenagem aos ancestrais dos vários reinos que existiram no actual território de Angola, que resistiram à penetração e dominação colonial, com enfoque ao Reino do Ndongo e da Matamba. A música também enaltece as vítimas do Massacre da Baixa de Kassanje, um marco no percurso da Luta pela Independência. “Apesar das sevícias do colonialismo, um dia seremos livres e donos do nosso destino, qual mel com o sabor mais adocicado que existe”. Assim cantavam muitos angolanos na Baixa de Kassanje.

“Phalahi Ngó” referencia a inveja, o egoísmo, a falta de humanismo, etc., como imperfeições inatas dos homens, apesar de Deus, em toda a Sua sabedoria, ter concebido o Homem à Sua semelhança, ou seja, na perfeição. “Kassexi” é uma parábola proverbial que evoca as assimetrias sociais que criamos para nós mesmos, em que as competências e o mérito são ofuscados.

“Mahezu” é uma saudação com respeito e “Mana Minga” uma canção popular originariamente recolhida pelos “Ndengues do Kota Kuduro”. “Man Pole” é a conhecida história do homem que vai a um óbito e começa a conquistar uma mulher casada.

A publicação de felicitações de João Lourenço no Twitter, depois do concerto que venceu a diversidade rítmica e cultural do país, mostrou que o Presidente da República está atento às iniciativas da sociedade civil e, particularmente, ao contributo dos artistas. Mito Gaspar agradeceu ao gesto, mas deixou um recado muito forte, afirmando que a classe dos músicos sempre deu o seu melhor ao serviço da pátria.

PLATINALINE



Adeus a um ilustre filho de Benguela

Horácio Lara faleceu a 23 de Junho último na cidade de Benguela, aos 90 anos de idade. O antigo jogador do Portugal de Benguela, hoje Nacional de Benguela, foi o último dos filhos de Ernesto Lara a falecer. Segundo o lobitanga Arlindo Leitão, treinador de futebol na reforma, os irmãos Lara eram muito conhecidos nos meios desportivos de Benguela. Quatro deles eram exímios futebolistas, sendo que três dos quais se tornaram campeões de Angola. O mais velho Bernardo Lara foi campeão de Angola, em 1943, pelo Benfica de Benguela; na década de 1960, António Lara e Horácio Lara também ganharam vários campeonatos de Angola, no célebre Sport Club de Portugal de Benguela, segundo Arlindo Leitão, “com uma equipa fabulosíssima” onde pontificavam nomes como Valongo, Miau, Pila, Amaral o Botija, os Malta da Silva, Januário Kandengandenga, Luz, Silva Martins, Quim, Neto e tantos outros. Jaime Lara era um bom avançado do Benfica de Benguela. Ernesto Lara Filho, o inventor da crónica à mwangolé e kassule da família, uma vez confessou ao amigo Arlindo Leitão: “Só eu era a excepção, jogava muito pouco, os meus manos eram muito bons futebolistas, eram craques”. Convém ainda mencionar que os Lara aqui referidos eram irmãos da poetisa Alda Lara e primos do grande nacionalista Lúcio Lara. Publicamos o texto de Fernando Fonseca Santos, de homenagem a Horácio Lara, bastante rico em evocações que, certamente, calarão fundo na memória dos elementos da sua geração e ecoarão nas mentes dos mais novos



Fernando Fonseca Santos

Ao Meu muito querido Horácio Lara. O meu maior Amigo reenviou-me, por Whatsapp, a notícia da tua morte, assinada por Arlindo Leitão.

A notícia dizia, em comédias, mas certas palavras, tudo aquilo que devia dizer, dispensando-se de outras palavras que não são necessárias para que, a os berms da tua morte, tivesse, de imediato, sucedido, na alma daqueles em que continuarás a viver, esse algo, tão especial, tão raro e tão profundo que nos terá feito chorar, com dor verdadeira. Tudo isto, Horácio, como tu sabes, implica amizade, admiração e respeito, mas, ainda, aquele mais, que se expressa nas recolhidas atitudes que são só possíveis no íntimo daqueles que sabem das razões que nos levam a curvarmo-nos perante a tua memória.

Em mim, nas horas seguintes e, com certeza, também, adiante, encontrei a certeza que me sussurrou que continuarás a viver enquanto eu viver e for capaz de, lucidamente, continuar a pensar. Foi essa certeza que me ajudou a começar a moldar a angústia que, na nossa Terra, tendo o sentido pleno normalmente inerente à sua semântica, tem também esse algo tão original e

tão caracteristicamente angolano que talvez só caiba em asingwe (sic). Foi com asingwe que eu deixei, que as memórias que, então, como a onda mais alta da maior das calemas, alagando-me, atingissem aquilo que fica para lá do limite que talvez só haja e só caiba em ongeva (sic).

E acredita que, nesse momento, de sentida, profunda e dolorosa emoção, pensando em ti, pensei também no teu Irmão António.

Sei que o fiz porque tinha de me procurar defender. Sei que foi assim porque foi aquilo que a minha humana condição então entendeu que se haveria de impor como lenitivo. Foi também assim porque essas memórias continuam a ser, realmente, importantes. E lembrei-me que com o teu Irmão vivi, quando tinha nove anos, dois momentos que me marcaram para a vida. Ter com ele ajudado o Abrantes – esse mesmo, que era um homem de bem e de esquerda, uma esquerda que Benguela sempre acarinhou –, a arrancar, ainda não eram sete da manhã, os poucos cartazes da campanha presidencial de Humberto Delgado que haviam sido colados sobre dois cartazes da campanha de Arlindo Vicente. Isto sucedeu dias antes deste último ter desistido da sua candidatura presidencial a favor do primeiro. Insólita essa

minha primeira acção política, em que me limitei a segurar um balde com água que facilitou a dita tarefa. Para me ter disposto a fazê-lo necessariamente contou ter pensado que bondade teria mesmo de assistir no arrancar daqueles cartazes do pilar de um prédio situado na Avenida que então se chamava 5 de Outubro. Na verdade, quem o estava a fazer eram dois homens, que eu bem conhecia e que o meu Pai muito prezava.

E importa aqui lembrar que, dias depois, Benguela foi a única cidade de Angola, capital de Distrito, em que Humberto Delgado ganhou, porque civicamente houve pessoas mais do que suficientes para se imporem, com a devida coragem cívica, aos servidores do regime salazarista, assim, evitando que, ao menos, em Ombaka, não se concretizasse a tradicional chapelada.

“Por seres quem és”

Mas o que guardei e ainda guardo dessa manhã – e que acho que te devo contar –, foi aquilo que teu Irmão António, terminada a tarefa, disse ao Abrantes – “Ajudei-te por seres quem és. Para mim pouco contam estas querelas das políticas de Portugal! Os cartazes de que interessa encher a cidade são outros.”

E olhou para mim e sorriu-me.

O que o António disse ficou em mim como algo que achava que teria de tirar mesmo a limpo. Dias depois, encontrei-o na praia. Hesitei, hesitei, ganhei mais balanço e, com isso, a coragem de me levou a perguntar-lhe – “Que cartazes é que tu achas que devia haver na cidade?”

Lembro-me, ainda hoje, talvez já não do sorriso que terá tornado mais expressivo o seu rosto, mas daquele que na minha memória se foi tornando uma expressão, bem marcada, que ainda retenho, e ouvi-o dizer – “Cartazes dos Filhos da Terra... Cartazes que exigem a Independência de Angola...”

O António, como tu, existindo, vivendo, e, então, ainda tão novos, faziam já parte de um alargado conjunto de grandes jogadores de futebol, que tinham, pelo menos, em mim, a dimensão mítica necessária à construção daquilo que, por facilidade, referimos por fermento das lendas. E, desde que me lembro, isso era assim, e era independente das minhas simpatias clubísticas.

O futebol para mim teve sempre, reconheço, importância demais.

A ligação clubística também.

Mas felizmente – talvez porque nunca fui capaz de conviver com fanatismos, sejam eles quais forem –, se idolatrei alguns que jogaram no meu clube –, tive sempre

– felizmente fui capaz disso – admiração verdadeira e, por vezes, rendida, pelo talento e, sobretudo, pelo génio de muitos que jogaram ou ainda jogam em Clubes que não são o meu.

Vê lá, Horácio, mesmo que esses clubes tenham sido ou sejam clubes rivais.

Por isso, não era apenas o Neto, que chegou de Cabinda, e, depois, o Valongo, que começou no F. C. do Lobito, o Neves, a quem chamávamos Zé Bala, nome que surgiu de uma lenda, que hoje se diria urbana, que lhe imputou a façanha de ter morto um Catxinjonjo (beija-flor) com uma lamesga, o Alberto, o Rui Amaral dos Santos, a quem os mais próximos chamavam Botija, enorme defesa central, o Lage, o Cruz, a quem todos chamávamos Pila, o Edelfride Palhares da Costa, nome de baptismo daquele que foi, pese o seu menor talento futebolístico, o grande Miau, o Fausto Luz, cujo talento compensava de longe a baixa estatura, ele que foi e, depois, quando era difícil, demonstrou ser o maior amigo do Daniel Xipenda, e aqueles sete avançados de sonho, o António Malta da Silva, tu, o teu Irmão António, o Jonas Silva Martins, o Januário, o Quim, e, depois de vós, ou ainda coexistindo futebolisticamente convosco, o Amândio Malta da Silva, que, depois, durante anos, foi defesa direito de



Tu foste um jogador fabuloso. Não tinhas apenas talento. Tinhas génio. Foste sempre discreto, correctíssimo e elegante dentro e fora do campo. Mas tinhas também uma maneira de ser que limitava a tua ambição como futebolista e tal assentava numa pensada e muito séria opção que fizeste

um grande Benfica treinado por Jimmy Hagan, a tal equipa que ganhou um Campeonato Nacional Português sem derrotas, o Emílio Peiroteu, o Jota Jota, o Quim dos Santos, que jogou mais tempo, mas ao mesmo nível que o seu Pai, Joaquim dos Santos, jogara, anos antes, o seu Tio materno, Victor Hugo, que

só jogava bem quando lhe apetecia e era um temível rematador, o meu grande amigo Hermínio Sardinha, tantos outros, mas também, falando de jogadores de outros clubes e apenas de verdadeira classe futebolística, o Santiago, o Couceiro, o Zé Manel, o Yaúka, o Jordão, o Paris I e o Paris II, o Cunha Velho, os talentosíssimos Rui Walter de Menezes Cohen dos Santos, o Fernando Barroso, o Lagartixa, o Nando Sardinha, de quem, eu que sou filho único, sempre me senti e sinto irmão, o Gregório e o seu potentíssimo remate, o Malagueta, que quando veio para o Porto, ganhou o lugar ao Nóbrega e, depois se deslumbrou, desperdiçando verdadeiro génio, os manos Jordão, sobretudo o Rui, que foi tão longe e poderia ter ido ainda mais longe, muito mais longe, o que talvez tivesse contado para, anos antes de morrer, ter deixado de falar e de se interessar por futebol.

Jogador fabuloso

Digo-te isto, meu Querido Horácio, para te poder dizer, com verdade, sinceridade e respeito, ainda o seguinte: Tu foste um jogador fabuloso.

Não tinhas apenas talento. Tinhas génio.

Foste sempre discreto, correctíssimo e elegante dentro e fora do campo.

Mas tinhas também uma maneira de ser que limitava a tua ambição como futebolista e tal assentava numa pensada e muito séria opção que fizeste.

Querias viver e ser feliz. Querias isso, mais do que qualquer outra coisa. E ser feliz, para ti, implicava viveres em Benguela.

Se me permitires, a tua maneira de ser, esteve sempre espelhada na tua maneira de jogar futebol.

Eras tecnicamente um portento. Não parecendo, tinhas a necessária capacidade muscular que permitia arranques súbitos e poderosos. Tinhas o dom da finta de corpo, sempre feita em progressão, com utilidade e com inteligência. Mais do que visão de jogo, tinhas a percepção necessária para antecipares, não apenas o que deverias fazer em cada jogada, mas para antecipares o que os teus opositores iriam fazer. Tinhas uma capacidade de dribble verdadeiramente notável, mas que sempre subordinaste ao que mais interessava à equipa. Foste um jogador da qualidade daqueles que permitem a afirmação de que, o futebol, jogado ao nível mais alto, é inteligência em movimento. E tendo a necessária potência de remate e, mais do que isso, colocação de remate, a verdade, Horácio, é que não rematavas. Os melhores golos que te vi marcar foram golos em que entraste com a bola dominada pela baliza adentro.

Eras assim, foste assim, escolheste conscientemente ser assim.

E acredita. Isso foi algo que como jogador e como

homem muito pesou na admiração que tenho por ti.

Um das últimas notas muito pessoais. Não sei já, com a certeza devida – se foi a minha Mãe ou o meu Pai que te ensinaram a ler, a escrever e a contar. Sei, no entanto, da amizade que tiveste por eles. Não sei se sabes também que foi o teu Pai que chamou a minha atenção e depois arranjou maneira de eu ler, uma edição clandestina em que, sob o título “Os Subterrâneos da Liberdade” estava agrupada essa Trilogia de Jorge Amado, na qual, sem ser personagem, a maior e devida importância do Autor foi reservada a Luís Carlos Prestes. E isso, como se diz na nossa Terra, sendo nessa altura “um enorme favor, não é susceptível de retribuição”, e, mais, nem o mais reconhecido agradecimento equilibra os pratos dessa balança. Só resta, então, nunca esquecer esse gesto e a pureza da sua intenção.

Repousa em paz, Horácio.

Que omwenho, o teu vento de vida, tenha o descanso, que, realmente, merece entre as folhas das árvores que ainda cercam, a oeste, o campo de futebol do nosso Clube, embalado por um sortilégio do Sékulo Guilherme.

Sabes que viverás sempre na minha alma, como Angolano, que sempre quiseste e soubeste ser e, antes de mais, por isso mesmo.

Tive pena de não ter podido estar em Benguela. Acompanhar-te ao Kalundo, para melhor te chorar e, depois, com amizade e respeito, colocar, sobre a tua sepultura um torrão de terra, da Terra que tanto amamos. A saída, voltado para a vala que hoje guarda o Curinge, teria lido, mais uma vez, no memorial, que guarda o túmulo da nossa querida Alda Lara, os versos mais impressionantes de “ regresso” o Poema, que talvez seja muito mais vivo e pleno, e ganhe, então, verdadeiro sentido, em pessoas que ainda são como nós – “Quando eu voltar/que se alongue sobre o Mar/o meu canto ao Criador (...)”

Eu sei, assim, que tu tens a certeza de que continuarás a viver na memória, na alma, no coração e no pensamento, não só de quem foi teu amigo, mas também de quem teve o privilégio de te ver jogar futebol e sabe, sentindo, de tudo isto que me senti compelido a dizer-te.



Que cartazes é que tu achas que devia haver na cidade?” ouvi-o dizer – “Cartazes dos Filhos da Terra... Cartazes que exigem a Independência de Angola...”

ISCED-HUÍLA

Primeiro doutoramento por videoconferência

O docente universitário Joaquim Sapalo Castilho Cacumba é o primeiro quadro, na história do Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) na Huíla, a defender a tese de doutoramento por videoconferência



Arão Martins | Lubango

A defesa da dissertação intitulada “Competências de Literacia Académica Bilingue (Português/Inglês) dos Graduados em Ensino de Língua Inglesa em Angola” foi inserida no programa de cooperação existente entre o ISCED-Huíla e o Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Portugal. O júri foi presidido pela professora catedrática Isabel Cristina Costa Alves Ermida, do Departamento de Estudos Ingleses e Norte-Americanos do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.

Até ao momento do início da sessão, a expectativa dos presentes na sala do ISCED-Huíla, seleccionados à risca, era ver até onde ia a operacionalidade das comunicações entre o candidato a doutor que se encontrava no Lubango e o corpo de jurados, constituído por seis elementos, que se encontravam em diferentes localidades de Portugal. Os que recebiam a quebra do sinal enganaram-se, pois a dissertação e a defesa foram feitos mesmo em tempo real. Duas horas e trinta minutos foi o tempo suficiente para o candidato ao título de Doutor responder ao conjunto de perguntas vindas de Portugal por vi-

deoconferência. O júri atribuiu, no final, a nota “Muito bom”, para o aplauso dos presentes e o natural regozijo do novo Doutor.

Joaquim Castilho Cacumba disse ao *Jornal de Angola* que o texto da sua dissertação de doutoramento tem um total de 554 páginas e deve orgulhar a Huíla, em particular, e o país em geral. “Agradecer a Deus, o meu General, pelo dom da vida, pela minha saúde, pela consumação da minha fé, pelas variadíssimas bênçãos e por entregar o meu destino nas mãos de pessoas maravilhosas, dedicadas e tão especiais”, afirmou ao *Jornal de Angola*, cheio de contentamento.

O académico estendeu os agradecimentos à sua família. “A família é sempre um pilar. É preciso ter alguém que cuide das nossas traseiras. A minha esposa e os meus filhos jogaram um papel muito grande. Foram sacrificados, sim, mas hoje ganhamos todos”.

Relativamente à relevância do tema do estudo, Joaquim Castilho Cacumba disse que se a educação é crucial para o desenvolvimento de uma sociedade, a língua é o veículo desta educação. “Não é possível formarmos técnicos ou profissionais nas áreas técnicas enquanto não recorreremos à língua deste ensino”, frisou.

“O que trouxemos aqui é uma chamada de atenção de que, estando cada vez mais globalizados e digitalizados, para nos impormos a nível da SADC, da CPLP e no Mundo, é preciso que não olhemos só para a competência monolíngue, ou melhor, dizer que domino a língua inglesa ou a portuguesa. Precisamos cada vez mais nos consciencializar da necessidade da intercompreensão com os outros povos”, sublinhou, acrescentando ser importante olhar para o bilinguismo “não só porque está na moda”, mas como uma “necessidade do ensino, da leitura, da escrita e de outras competências da literacia académica”.

O evento foi testemunhado no Lubango pelo director-geral do ISCED-Huíla, o professor catedrático José Luís Alexandre.

Marco académico

A defesa da dissertação de doutoramento do professor Joaquim Sapalo Castilho Cacumba, por videoconferência, é um marco nos 40 anos de história do ISCED-Huíla. O professor catedrático José Luís Alexandre, director-geral desta instituição, disse que a sintonia directa com o Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho amadureceu as competências do ISCED-Huíla no uso das tecnologias de

informação e comunicação. Destacou que, por causa da Covid-19, o docente Joaquim Castilho Cacumba não pôde viajar para Portugal e lá defender o seu doutoramento. “Então, criamos todas as condições técnicas e tecnológicas para o efeito”, disse. “Tivemos os nossos docentes a assistir. Isso para nós foi muito importante. É uma grande alegria. Quer dizer que podemos fazer as coisas usando as novas tecnologias de informação e comunicação”.

O director-geral do ISCED-Huíla afirmou que o docente Joaquim Castilho Cacumba saiu-se muito bem. “Mostrou-se muito calmo, sereno e, sobretudo, mostrou que conhece o trabalho realizado. Terminou o seu doutoramento em três anos, tempo este considerado record. Isso demonstra que temos especialistas de alta qualidade nesta instituição, que vem formando docentes de alta qualidade neste país e para este país”.

A defesa da tese de doutoramento pelo Professor Cacumba, segundo o responsável máximo do ISCED-Huíla, é uma prova de que a Covid-19 não pode fazer parar tudo. “Como biólogo que sou, sempre soube que o novo coronavírus veio para ficar. Temos que nos adaptar e lutar contra ele. Conviver com ele. Não podemos ficar parados sem fazer nada”, defendeu.



AS PERIPÉCIAS DE FERRAZ KAPINDISSA

O cerco do tormento

Seu semblante fechado revelava um coração lacrimejante, trancando o espontâneo sorriso que o rosto desenhava. Diluídos nos voos distantes dos pensamentos, permaneceu estático, com os olhos cravados no tecto de zinco da exígua sala. A insegurança de Ferraz Kapindissa denunciava uma alma engolida pela amarga notícia, caída como bomba

Bendinho Freitas

Os ditos mujimbos das bocas soltas no ar, se confirmaram. Afinal de contas, era a mais cristalina verdade! Seu quarteirão estava agora cercado por um cordão de segurança. A polícia em prontidão, rondava o bairro. Foram mobilizadas ambulâncias, equipas médicas e profissionais de saúde.

Quase ninguém cumprira com as medidas de prevenção, no bairro Kafrique e agora estavam mergulhados em inúteis lamúrias. Sentiam na pele o preço do desleixo. O peso de consciência de Kapindissa tornou-se maior que as velhas feridas gravadas na memória dum percurso sinuoso de vida, que o tempo não apagou.

A notícia recebida há algumas semanas deixara o bairro em alvoroço. Tudo começou quando Janguelito – o Janguilson – filho do Man-Firmino, vizinho de Kapindissa e um rapaz da rua 18, foram diagnosticados com a Covid-19. Desde aquela data, os dias pareciam intermináveis. Kapindissa já não pregou olho.

Sentado na sua velha poltrona de napa, carcomida pela adrenalina do tempo, baixou a cabeça e olhou concentrado para o relógio: Pa-

recia que as horas teimavam em não avançar. “Ai, se pudesse empurrar o tempo”. Pensou ele.

Reunidos em família, se aprestavam a receber os resultados dos testes da Covid-19. Estavam todos apreensivos. Era necessário encarar a realidade de frente.

Vivia-se um dia de cacimbo, mas o impiedoso suor escorria na pele sulcada pelas rugas de expressão de Kapindissa, ensopando o rosto, que as suas mãos nervosas, ingloriamente, insistiam em limpar. Contudo, o teimoso suor tomara conta do corpo.

Lá fora, as sirenes das ambulâncias quebravam a gélida tranquilidade, que dominava o local: As luzes das vozes alegres das crianças do bairro Kafrique se apagaram. As vozes fervorosas da mocidade, entrelaçadas aos sons de músicas despreocupadas, que sacudiam as tardes e trespassavam noites adentro, até morrerem cansadas de tanta farra nos pés, se esfriaram. O “Copo Cheio”, bar do senhor Moreira, guardava atrás das portas, agora fechadas, as músicas que invadiam as casas vizinhas, sem pedir licença e as tertúlias boémias do burgo: Era o santuário onde cruzava a malta boa, que pintava de

cores quentes, os serões do Kafrique. Até os livres chilrear dos pássaros desabrochando nas alegres manhãs fugiram, levando consigo o doce respirar da liberdade. Kapindissa agora mastigava a dor dos pássaros nas gaiolas.

Como telegramas, suas lembranças recuaram aos primórdios da cerca sanitária. Paralelamente, as insistentes recordações empurraram-no ao cerco apertado, ao qual haviam sido submetidos, lá no seu longínquo kimbo, nos duros tempos da kitota.

Com os nervos em frangalhos, Kapindissa intempestivamente cravejou de culpas sua esposa, dona Mingota e Chinguito, o primo génito. Em voz alta, algo desgovernada, derrubou a compostura, que sempre foi a sua marca, acusando Mingota de negligência, porque, em tempo de confinamento, antes do inesperado ter sucedido, deixara os filhos menores – os jingongos Dadão e Kapriquito – saírem à rua, para jogar a bola com o Bebucho, um dos meninos, que agora se soube que também estava infectado.

Dona Mingota, senhora polida na base da educação cristã, sempre respeitou o marido, todavia, desta vez, injectada de tensão, fartou-se do ímpeto das acusações e

saltou-lhe a tampa da paciência, retorquindo com rispidez:

“E o senhor, que há três semanas esteve em convívio com o Man-Firmino, o papá do Janguelito, no Copo Cheio?”

Kapindissa, sem responder Mingota, continuou, agora virando-se para o Chinguito, que ouviu calado, a chuva de ralhetes do pai. Antes da bomba da cerca sanitária explodir no bairro Kafrique, Manchingas, como também era conhecido, tornara-se um inveterado furador de quarentena. Era um assíduo frequentador das pedonais da avenida principal, onde fazia ginástica, em promíscuos ajuntamentos, com a turba do bairro. Justamente agora, na fase do coronavírus, e, sem o uso da máscara facial, nem a observância do distanciamento social.

Dona Mingota, envolvida nos pensamentos, imaginava, o que seria dela, caso lhe fosse diagnosticado a Covid-19. Como seria recebida, quando regressasse ao mercado do Sarabulho, onde vendia peixe fresco? Seria crucificada com estigmas da ignorância? Deixou escapar umas lágrimas. Seus pensamentos continuaram a passear: imaginou-se entubada no ventilador! “Xé, está amarrado!” Exclamou,

espantando os pensamentos. Tentava fugir à dramática realidade, mas as imagens desfilavam cruéis, martelando-lhe a cabeça. Decidiu então entregar tudo a Deus: rezar à nossa Senhora da Muxima.

No instante seguinte, se escutou o roncar de um carro, que cortou o dilúvio de meditações que inundavam de tormentos a família Kapindissa. O carro estacionou em frente ao portão do quintal. Um silêncio gelado dominou a casa. A seguir, ouviram-se batimentos no portão.

Como mola impulsora, Kapindissa levantou-se bruscamente da poltrona e apressado dirigiu-se à porta para abri-la.

Sua alma rangeu, trepan-dona emoção, quando viu do outro lado do portão, a funcionária dos serviços de saúde, acompanhada de dois agentes da polícia. Entretanto, fios da brisa do cacimbo matinal bateram-lhe levemente no rosto, arrefecendo todo o stress, de que estava acometido.

A senhora sisuda, de rosto redondo, era forte; vinha forrada naquele uniforme que fazia lembrar uma alienígena. Cumprimentou, num tom solícito:

“Bom dia senhor”. E continuou: “Por favor, pode informar-me onde é a casa

19, pretendemos fazer uma entrega”.

Kapindissa um tanto aliviado, mas também desiludido, franziu o cenho e meneou a cabeça, em sinal afirmativo, levantando o indicador, para apontar o local, dizendo:

“É a terceira, após virarem a esquerda”.

A senhora agradeceu, com um sorriso, inclinando levemente a cabeça e acrescentou:

“Também, gostávamos de informar que, por razões de ordens técnicas, as entregas dos resultados dos testes, previstas para hoje, foram canceladas. Preve-mos fazê-las amanhã a mesma hora”.

Acto contínuo, acenou, em jeito de despedida, e virou as costas, apressando-se a subir no carro, que se dirigiu à casa n.º 19.

Em casa dos Kapindissas, a informação não foi bem recebida: gerou mistos de nervosismo e apreensão. Era como se vários afluentes desaguassem num rio de angústia, em direcção a um mar de ansiedade, que se prolongaria, por novas vinte-e-quatro penosas horas.

Naquele momento, Kapindissa começou a fazer jus ao nome do bairro onde viviam: estavam mesmo no kafrique!